

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

**LEITURA: ENSINO-APRENDIZAGEM MEDIADO PELO GÊNERO
TEXTUAL CRÔNICA**

Área: Língua Portuguesa

NOME DO PROFESSOR PDE: IRACEMA DE LUCI VAGETTI GALBIATI

NOME DO ORIENTADOR: Prof^ª. Dr^ª Eliana Alves Greco

Alto Paraná

2008

LEITURA: ENSINO–APRENDIZAGEM MEDIADO PELO GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA

Iracema de Luci Vagetti Galbiati¹

Eliana Alves Greco²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar um trabalho de pesquisa e aplicação, voltado aos estudos da linguagem, mais especificamente da leitura, desenvolvido por meio do PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), em parceria com a Universidade Estadual de Maringá. Trabalhou-se para que a leitura fosse desenvolvida de uma maneira útil, adequada e prazerosa ao universo escolar e à realidade social do aluno. A pesquisa docente teve por finalidade focar a leitura, interpretação e produção do gênero textual crônica, a partir de uma seqüência didática, desenvolvida em módulos e de natureza qualitativa. Foi aplicada aos alunos da 7ª série, numa faixa etária entre 12 e 15 anos, no período de abril a junho de 2008, na Escola Estadual Santa Maria EF (rural), cidade de Alto Paraná, NRE de Paranavaí. Esses módulos tiveram por etapas observar o conhecimento prévio dos educandos; leitura de várias crônicas para a apropriação da estrutura composicional do gênero; produção escrita; correção e refacção dos textos e a publicação das três melhores crônicas no jornal O Diário do Noroeste, de Paranavaí, do dia 29/06/2008. Optou-se pelo gênero textual crônica, pois, a partir da observação de fatos do cotidiano, os educandos reconheceram ensinamentos e passaram a refletir sobre as virtudes humanas. Além disso, por traz do humor e da simplicidade, existe um trabalho estilístico que fez da crônica a mais agradável e cativante porta de entrada para o mundo da leitura.

Palavras-chave: Leitura. Ensino-aprendizagem. Crônica. Seqüência didática.

ABSTRACT: This article proposed a research study and application, focusing on studies of language, specifically the reading, developed by the PDE - Program for Educational Development, the State Department of Education of Parana (SEED), in partnership with the State University of Maringá. It worked so that the reading was developed in a useful, appropriate and pleasant way to the school universe and the social reality of the student. The docent research had as purpose to focus on reading, interpretation and production of the textual genre chronicle, from a didactic sequence, developed in modules and qualitative in nature. It was applied to students of the 7th grade, an age group between 12 and 15 years old, in the period from April to June 2008, in the State School of Santa Maria RU (rural), town of Alto Paraná, NRE (Regional Hub for Education) form Paranavaí. These modules were divided by steps to observe the stages prior knowledge of learners; reading of several chronicles to get the compositional structure of the textual type; written production; correction

¹ Professora de Língua Portuguesa da rede estadual e participante do Programa de Desenvolvimento da Educação do Paraná – 2007. E-mail: iracemaluci@hotmail.com

² Professora Orientadora IES – UEM – e-mail: elianagreco@gmail.com

and rewrite of the texts; and the publication of the three best chronicles in the newspaper "O Diário do Noroeste", from Paranavaí, in June, the 29th, 2008. It was chosen this textual genre, because since the observation of the daily facts of life, the students recognize the teachings and began to reflect on the human virtues. Moreover, for its humor and simplicity, there was a working style that has made the chronicle as enjoyable and engaging entry point into the world of reading.

Key-words: Reading. Teaching-learning. Chronicle. Didactic sequence.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é o resultado de um trabalho de pesquisa e aplicação voltado aos estudos da linguagem, mais especificamente da leitura, desenvolvido por meio do PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), em parceria com a Universidade Estadual de Maringá.

O PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional –, com uma política educacional inovadora de Formação Continuada das professoras e professores da rede pública estadual, propõe um conjunto de atividades organicamente articuladas, definidas a partir das necessidades da Educação Básica. O programa busca no Ensino Superior a contribuição solidária e compatível com o nível de qualidade desejado para a educação pública no Estado do Paraná.

Para tanto, o presente estudo foi desenvolvido no ano de 2008 na Educação Básica, aplicado aos alunos da 7^a série, da Escola Estadual Santa Maria EF (escola rural), pertencente ao município de Alto Paraná, jurisdicionada ao Núcleo Regional de Educação de Paranavaí. O grupo compunha-se de dez alunos do sexo masculino e nove do feminino, numa faixa etária entre 12 e 15 anos, e as atividades foram desenvolvidas no período de abril a junho de 2008.

Estudos e pesquisas voltados para questões relativas à leitura têm se desenvolvido de forma significativa a partir das contribuições de autores que, ao abordar concepções teóricas de linguagem, numa perspectiva inovadora, sócio-interativa, de estratégias e metodologias adequadas, possibilitam uma compreensão melhor para o processo que envolve o ensino e a aprendizagem.

Visto que hoje a leitura é motivo de preocupação constante dos profissionais da educação, esta pesquisa tem por finalidade trabalhar com o gênero textual crônica enquanto prática social e focar a leitura, interpretação e produção, a partir de uma seqüência didática, que uma vez compreendida poderá ser aplicada a qualquer outro gênero textual.

A leitura tem sido proposta como uma abordagem sociocognitiva, em que o processo de codificação representa um dos aspectos necessários para que se estabeleça a relação texto-leitor-autor e a conseqüente construção de sentidos. Uma vez estabelecida essa interação, o aluno passa a analisar os diferentes gêneros textuais com base nas informações que ele próprio mobiliza, auxiliado pela sua experiência de leitura e pela expectativa criada frente a um novo desafio.

Ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. Ler é sobretudo uma atividade voluntária e prazerosa e, quando ensinamos a ler, devemos levar isso em conta. As crianças e os professores devem estar motivados para aprender e ensinar a ler (SOLE, 1998, p. 90).

Para a prática de leitura em sala de aula, é relevante realizar atividades que propiciem a reflexão e discussão do tema; do conteúdo veiculado; dos possíveis interlocutores; das vozes presentes no discurso e o papel social que elas representam; das ideologias apresentadas no texto; da fonte; dos argumentos elaborados e da intertextualidade. Assim o aluno é capaz de enxergar os implícitos, permitindo que reconheça as reais intenções que cada texto traz.

É importante considerar a pluralidade de leituras que alguns textos permitem, o contexto de produção sócio-histórico, sua finalidade, o interlocutor e o gênero a que pertence; uns com possibilidade de leituras mais amplas, outras mais restritas.

Observa-se nas escolas públicas um déficit quanto à leitura, interpretação e produção de texto. O aluno leitor apenas reproduz o que já está lá produzido, ou seja, o já esperado e veiculado pelo livro didático. Dessa forma, fica cada vez mais difícil para o aluno identificar o não dito, as características dos diversos gêneros textuais, suas funções e demais informações necessárias para torná-lo um leitor crítico.

O governo federal tem realizado programas de avaliação do ensino no Brasil que vêm corroborar esse déficit, como, por exemplo, a Prova Brasil, o Saeb e a participação no Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (Pisa), realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O resultado apresentado no Pisa (2006) não foi satisfatório, uma vez que não se passou do nível 1, numa escala registrada de 1 a 6, de acordo com a pontuação. Isso quer dizer, segundo a análise dos resultados, que grande parte dos alunos brasileiros consegue apenas localizar informações explícitas, não sendo capaz de fazer comparações, estabelecer conexões ou interpretar textos. (PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Dia-a-Dia Educação)

Dessa forma, vê-se a necessidade de um trabalho mais produtivo com textos que vá além da mera leitura-reprodução, ou seja, que privilegie a construção de sentidos que se

renova constantemente por meio da interação com o outro, a fim de que o aluno venha se tornar um leitor produtor de textos consciente de seu lugar social e não um mero reprodutor.

O desafio da escola hoje é definir com clareza para seus alunos as estratégias de leitura que os levem a ativar seus conhecimentos prévios e a interagir com as informações do texto a partir de um contexto enunciativo. O reconhecimento dos gêneros textuais é uma das estratégias de leitura, que permite ao aluno entrar em contato com um amplo e diversificado universo textual, nas diferentes esferas de comunicação da sociedade (escola, trabalho, literatura, imprensa, publicidade, política, religião, internet, etc.) e ainda propicia, na maioria dos casos, o estudo do texto na íntegra, não fragmentado.

Umberto Eco, em *Lector in Fábula*, fala de um leitor-modelo como aquele que coopera com o texto com o intuito de atualizar ou preencher os vazios e os índices que o texto carrega. Segundo o autor,

O texto é uma máquina preguiçosa que exige do leitor um trabalho cooperativo para preencher espaços do não-dito ou do já dito que ficaram, por assim dizer, em branco, então o texto simplesmente não passa de uma máquina pressuposicional. (ECO, 1986, p. 11).

Este artigo busca relatar uma experiência com o gênero crônica, mostrando a participação efetiva dos alunos diante dos textos apresentados para leitura, como também diante da produção de seus próprios textos.

Nesta produção, prioriza-se a linguagem escrita padrão, de forma clara e objetiva. Na concepção de “participação efetiva diante dos textos”, imbuí-se a leitura e interpretação, uma vez que o leitor tem um papel fundamental no ato da leitura, e cabe a ele a função de atribuir significação ao texto e, no caso do texto literário, de concretizá-lo esteticamente, preenchendo os espaços em branco deixados pelo autor no momento da criação literária.

Partindo do pressuposto de que quem não lê (ou lê mal) também escreve com dificuldade e apreende o mundo de maneira menos expressiva, é importante que todo ambiente ao redor do aluno o incentive à leitura, não tendo apenas a escola como único local de acesso aos livros. Ressalta-se a importância do incentivo à leitura e que esse hábito seja desenvolvido de uma maneira adequada, prazerosa, útil e enriquecedora ao universo escolar e à realidade social do aluno.

Para formar leitores, deve-se ter paixão, prazer e encantamento pela leitura, uma vez que “ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico”. (BELLENGER, 1978, p.17).

Uma consideração final se impõe: o papel do professor é fundamental na construção das relações adequadas, para que haja uma efetiva interação entre ele e os alunos e os alunos entre si. É necessário também que o docente seja um leitor contínuo, instrumentalizando o aluno para que amadureça suas opiniões a respeito do que lê. Ainda, deve-se considerar o contexto da sala de aula, as experiências de leitura dos alunos, a expectativa deles e as sugestões do que gostariam de ler, para que todos possam integrar-se no processo dialógico que é a linguagem.

Segundo Solé (1998), é necessário trabalhar algumas estratégias de leitura em diferentes situações, como leitura oral, coletiva, compartilhada, individual e silenciosa, para que essas atividades sejam significativas aos alunos e correspondam a uma finalidade que possam compreender e compartilhar. Nenhuma tarefa de leitura deve ser iniciada sem que estejam motivados para tal e que esteja claro o que eles devem fazer, sentir que são capazes de fazê-lo e acharem interessante o que se propõe que façam. Portanto, motivar os alunos para a leitura consiste em planejar bem a tarefa, selecionando com critério os materiais que serão trabalhados, tomando decisões sobre as ajudas prévias de que alguns alunos possam necessitar, evitando situações de concorrência e promovendo, sempre que possível, aquelas situações que abordem contextos de uso real, que incentivem o gosto pela leitura e que deixem o leitor avançar em seu próprio ritmo para ir elaborando sua própria interpretação.

Um outro fator que sem dúvida contribui para o interesse da leitura é propor aos alunos questões reflexivas como:

- Para que vou ler?
- Qual o objetivo desta leitura?
- Qual a intenção do autor?
- Quais as circunstâncias que determinaram a produção deste texto?

Tais reflexões irão determinar a maneira em que um leitor se situa frente à leitura e a sua forma de compreendê-la.

Os objetivos dos leitores em relação a um mesmo texto podem ser muito variados. Haverá tantos objetivos quanto leitores. Assim, quando lemos um texto para obter uma informação precisa e localizar algum dado que nos interessa, é preciso utilizar algumas estratégias, sem as quais esse objetivo não será atingido. Por exemplo, para buscar um número telefônico em uma lista, requer o conhecimento de que ela está organizada em ordem alfabética. Então, a atividade de leitura deve estar relacionada com algum propósito conforme suas características: se a leitura é feita para seguir instruções, se é para obter uma informação

de caráter geral, se é para aprender ou simplesmente se é por puro prazer e entretenimento. É necessário que se defina tal propósito para que o leitor seja efetivamente um leitor que compreenda o que lê, selecione marcas e indicadores, formule hipóteses, construa interpretações e desenvolva seu senso crítico.

2. A SEQÜÊNCIA DIDÁTICA E OS GÊNEROS TEXTUAIS

Tendo como referencial as Diretrizes Curriculares de Educação do Paraná (2006), o ensino de língua portuguesa fundamenta-se, em parte, na teoria dos gêneros textuais de Bakhtin (1992).

O conceito de gênero textual refere-se às formas típicas de enunciados – falados ou escritos – que se realizam em condições e com finalidades específicas nas diferentes situações de interação social. De acordo com Bakhtin (1992, p. 279):

A riqueza e a variedade dos gêneros dos discursos são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

O trabalho com gêneros textuais considera que o desenvolvimento da autonomia do aluno no processo de leitura é uma conseqüência do domínio do funcionamento da linguagem em situações de comunicação e que são por meio deles que as práticas de linguagem incorporam-se nas atividades dos alunos.

Esses gêneros textuais são produzidos por pessoas nas diferentes situações sócio-comunicativas e são nomeados em razão de suas características de função (objetivo), conteúdo (tema), organização (estrutura) e estilo (linguagem). Temos uma variedade de gêneros circulando no meio social (notícias, charge, fábula, crônica, piada, cartum, etc). Sendo assim, é papel do professor de língua portuguesa criar condições favoráveis para que seus alunos entrem em contato com diferentes tipos de textos, definir com clareza as estratégias de leitura que os levem a ativar seus conhecimentos prévios e a interagir com as informações contidas neles. Para isso, a prática de leitura deve partir de um contexto enunciativo, em que os alunos compreendam e produzam gêneros textuais significativos.

Um procedimento para se ensinar a expressão oral e escrita centra-se na seqüência didática em que o professor usa um conjunto de atividades escolares organizadas em módulos, de maneira sistemática, em torno de um conteúdo de uma determinada disciplina. No caso

deste trabalho, foi proposta uma seqüência didática que se utiliza do gênero textual crônica, para que o aluno pudesse dominar melhor esse gênero e efetivar uma leitura compreensiva e interpretativa, possibilitando o desenvolvimento da escrita e da fala, de uma maneira mais adequada, numa dada situação de comunicação.

Segundo Rojo (2004), a estrutura de base de uma seqüência didática, utilizando-se os gêneros textuais, pode ser representada pelo seguinte esquema:

Apresentação da situação – Produção inicial – Módulos – Produção final

A apresentação da situação visa expor aos alunos o gênero que será abordado, de maneira bastante explícita, para que se possa compreender, o melhor possível, a situação de comunicação na qual devem agir, a fim de fazer a produção respondendo corretamente à situação dada, mesmo que não respeitem todas as características do gênero visado.

A produção inicial tem um papel central como reguladora da seqüência didática, tanto para os alunos quanto para o professor. Para os alunos, a escrita do texto concretiza os elementos trabalhados na apresentação da situação e esclarece quanto ao gênero abordado, preparando-os para realizar a produção final. Para o professor, essas primeiras produções servem para sua observação, permitindo refinar a seqüência, modulá-la e adaptá-la de maneira mais precisa às capacidades reais dos alunos de uma dada turma. Os pontos fortes e fracos são evidenciados, discutidos e avaliados; são buscadas soluções para os problemas que aparecem. Isso permite introduzir uma primeira linguagem comum entre aprendizes e professor.

Nos módulos, são trabalhadas atividades variadas, procurando dar aos alunos os instrumentos necessários para superação dos problemas. Para isso, existe uma quantidade bastante diversificada de atividades e exercícios que relacionam intimamente leitura e escrita, e que enriquecem consideravelmente o trabalho em sala de aula.

A seqüência é finalizada com uma produção final escrita, que dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos.

3. FALANDO DE CRÔNICAS

Nesta pesquisa, para desenvolver o trabalho de leitura e escrita, optou-se pelo gênero textual crônica.

O gênero crônica é importante para os alunos, pois, por meio dele, poderão conhecer diferentes textos, reconhecer ensinamentos e, a partir da observação de fatos do cotidiano, passar a refletir sobre as virtudes humanas.

Segundo Moisés (1979), a palavra crônica vem do grego *choronikos* (relativo ao tempo), do latim *Crhonica*, que designa uma lista ou relação de acontecimentos ordenados cronologicamente. Atualmente, a crônica é um dos gêneros mais ricos da literatura brasileira, atingindo um grau de excelência a ponto de transformar-se na principal porta de entrada da literatura para boa parte do público leitor.

De acordo com Melo (1985), no Brasil, a crônica é o relato poético do real, situada na fronteira entre a informação da atualidade e a narração literária, portanto, situa-se entre o jornalismo e a literatura, retratando a vida e as experiências comuns. Despretensiosa, humanizadora, ajuda a estabelecer ou restabelecer a dimensão dos acontecimentos e das pessoas, quase sempre com humor. Ela representa o encontro mais puro com a vida real e com seu cúmplice favorito – o leitor.

Todavia, apesar de seu ar despreocupado, de quem está falando coisas, sem preocupar-se com a conseqüência, esse gênero penetra fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, aprofundando a crítica social.

Aprende-se muito quando se diverte, e os traços simples, graciosos e breves da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo vários atos e sentimentos, que divertindo atrai e faz refletir, amadurecendo nossa visão de mundo. Por meio de um zig-zag de aparente conversa fiada, a crônica pode dizer as proposições mais sérias, como as descrições da vida, o relato caprichoso dos fatos, o desenho de certos tipos humanos, o registro de algo inesperado.

Apesar de sua pressa característica, a crônica é uma somatória de pesquisa, seleção e inspiração e deve escolher um fato capaz de reunir em si mesmo o disperso conteúdo humano, pois só assim pode cumprir o seguinte princípio: informar, ensinar, comover, deleitar.

Para Sá (1985), por vezes, a crônica transfere-se de seu ambiente natural, o jornal, para o ambiente do livro. Então, é reelaborada, como passar a vida a limpo, permitindo que se descubram as características de cada cronista. Dessa forma, as possibilidades de leitura crítica se ampliam, o texto atua com maior liberdade sobre o leitor, uma vez que este se encontra despido de certas referencialidades. Isto faz com que se amplie a visão humana do homem na sua vida diária.

Segundo Moisés (1979), quando o autor narra sua crônica, tudo o que diz parece ter acontecido de fato, como se os leitores estivessem lendo uma reportagem, os fatos acontecem

como se fossem por acaso. Mas, na verdade, o autor sabe que nada é por acaso na construção do texto, pois o cronista tem de explorar as potencialidades da língua, buscando construções de frases com várias significações, descortinando aos leitores uma paisagem até então esmaecida ou ignorada. Sua linguagem adquire logicidade e um ritmo próprio, repensando constantemente pelas vias de emoção aliadas à razão. É fundamental que o cronista se defina em seu tempo e espaço, compondo uma cronologia, não limitadora, mas sim esclarecedora de sua relação com o mundo.

A crônica é um pequeno oásis de prazer para quem a escreve e para quem a lê. É o grito de liberdade de um escrevente rebelde que insiste em temperar os fatos diários, insiste em ver o que a maioria não conseguiu assistir, por fim, insiste em revelar emoções para outros tantos que querem saber daquilo que na sua correria deixaram de perceber (DIAFÉRIA, 1981).

Segundo Coutinho (1971), o perfil nacional da crônica firmou-se a partir de 1930, com nomes como o de Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga, o qual, de certo modo, seria o cronista exclusivo desse gênero. O apogeu do novo gênero, ou seja, o momento em que a crônica perde os vestígios de seus antecessores europeus, transformando-se na expressão rematada da forma brasileira de sentir e de se situar no mundo, se dá a partir nos anos de 1950 e de 1960 com cronistas como Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Nelson Rodrigues, Fernando Sabino. Esses autores reforçam a idéia de que a crônica, longe de ser um subproduto da ficção ou do ensaio, é um campo textual próprio, que oferece possibilidades expressivas que nenhum outro gênero proporciona.

Não há dois cronistas iguais, nem duas crônicas idênticas, pois a mudança eterna do cotidiano determina a maleabilidade do texto e capta a variação emocional do autor.

Neste estudo, foi desenvolvida uma seqüência didática composta por módulos. Desta forma, os alunos terão a oportunidade de desenvolver procedimentos de leitura e escrita, utilizando a crônica. Por trás do humor e da simplicidade presentes nela, existe um trabalho estilístico que a torna a mais agradável e cativante porta de entrada para o mundo da leitura.

4. PREPARANDO A LEITURA

A proposta de trabalho didático foi realizada conforme as teorias sobre gêneros textuais de Bakhtin, dando sustentação às atividades desenvolvidas nesta seqüência didática.

A prática de leitura e de escrita foi vista como um ato dialógico e interlocutivo, que propicia o desenvolvimento de uma atitude crítica e leva o aluno a perceber o sujeito presente nos textos e ainda tomar uma atitude responsiva diante deles.

Há orientações, tanto nos documentos do MEC como nos do Estado do Paraná, quanto ao trabalho textual na disciplina de Língua Portuguesa, para que a crônica seja trabalhada nas diferentes séries do Ensino Fundamental. No entanto, esse gênero textual recebe relevância maior, dentro do Currículo de Língua Portuguesa, por volta da sétima e da oitava séries. Embora não seja necessária essa divisão serial, a justificativa de optar por desenvolver um trabalho com a sétima série encontra-se no fato de priorizar o estudo do conto e de obras literárias na série posterior, pois os alunos estarão mais próximos de iniciar análises literárias no Ensino Médio.

Para desenvolver a prática da leitura do gênero textual crônica, foram selecionadas, a priori, duas crônicas: “A última crônica”, de Fernando Sabino, e “Tire fotos, muitas fotos!”, de Deusa Urbana (pseudônimo), publicada na internet. Observando que os alunos ainda não possuíam as capacidades reais de conhecimento do gênero, foram trabalhadas mais duas crônicas do livro didático: “Adolescente? Quem, eu?”, de Lourenço Diaféria, e “Na escuridão miserável”, de Fernando Sabino. (CEREJA,2006).

Encaminhamentos para a exposição dos módulos trabalhados nesta seqüência didática.

5. TRABALHANDO AS CRÔNICAS

Conforme já exposto, na seqüência didática, foram propostos módulos de trabalho. No primeiro módulo, o trabalho foi desenvolvido com a crônica “A última crônica”, de Fernando Sabino, em que o autor mostra uma grande sensibilidade ao relatar um fato do cotidiano. Ele conseguiu, num relato poético, mostrar como se faz uma crônica, retratar a vida de certos tipos humanos e estabelecer a dimensão desse acontecimento aprofundando-o a uma crítica social.

Antes de entregar o texto aos alunos, analisou-se o conhecimento prévio quanto à crônica e procurou ampliá-lo pela discussão oral, fazendo levantamento de hipóteses, provocando um debate em sala de aula baseado nas seguintes questões:

- Você sabe o que é uma crônica?
- Você já leu alguma crônica? Qual?
- Quem era seu autor?

- Você conhece algum cronista brasileiro? Qual?
- Em que lugar as crônicas são veiculadas?
- Você afirmaria que crônica e contos são do mesmo gênero literário? Por quê?

Fez-se assim também com a temática:

- Você comemora seu aniversário? De que forma?
- O que você escolheria em seu aniversário?
- Seus pais sempre se lembram de seu aniversário? Já aconteceu deles se esquecerem?
- Se você fizesse uma festa, quem não poderia faltar?
- O que você mais gosta em uma festa de aniversário?
- Vocês já comemoraram um aniversário de forma estranha? Diferente do tradicional bolo com velinhas?

Discutidas as questões e observadas as respostas, foi entregue a cópia do texto “A última crônica”, propondo leitura individual e silenciosa, depois a leitura oral em grupo, iniciando o processo de caracterização do gênero estudado.

Os alunos tinham que perceber as características da crônica: uma narrativa a partir da observação de fatos do cotidiano; geralmente curta; escrita com objetivo de divertir o leitor ou levá-lo a refletir criticamente sobre a vida e os comportamentos humanos; o narrador observador ou personagem; linguagem simples e direta próxima do leitor; emprego geralmente da variedade padrão informal e a duração dos fatos curta, tornando o espaço e o tempo, na crônica, limitados. Tudo isso de forma oral.

Depois de trabalhar a oralidade, foram entregues questões escritas aos alunos referentes à relação autor/leitor/texto, à análise lingüística e ao estudo da estrutura composicional do gênero. As questões foram respondidas no caderno:

- Quem é o autor desta crônica? Você já ouviu falar sobre ele?
- Qual o objetivo desta crônica?
- Esta crônica chama a atenção do leitor? Por quê?
- Existe alguma relação entre a situação vivida pela família da crônica e a de nossos dias?
- Você seria capaz de buscar, num fato do seu dia-a-dia, momentos de fraternidade e sensibilidade e descobrir nele suas belezas?

- O título do texto sugere algumas interpretações. Converse com seus amigos sobre as sugestões possíveis de um novo título.
- Neste texto, há idéia de discriminação? É do autor? Do contexto? Discriminação de raça? De situação financeira?
- Quais os personagens envolvidos no episódio narrado?
- Há marcas de subjetividade? Quais?

Com base nessas questões, os alunos puderam observar que o objetivo da crônica trabalhada foi promover uma reflexão crítica e também levá-los à percepção da carga emotiva que há nela. Em seguida, observaram os elementos narrativos básicos e a presença da visão pessoal do autor.

Uma vez que é sabido o fascínio que a foto exerce sobre os adolescentes no celular, no segundo módulo, a crônica escolhida foi “Tire fotos, muitas fotos!”, de Deusa Urbana.

Considerando que o tema trabalhado na crônica era fotos, pediu-se numa aula anterior para que os alunos trouxessem fotos antigas e atuais da família e deles mesmos, de forma que circularam na sala de aula para motivá-los à leitura. Enquanto os alunos viam as fotos, a professora conversava com eles sobre o tema, acionando seus conhecimentos prévios com questões orais como:

- Você gosta de tirar fotos?
- Qual conceito de beleza para você?
- Quem, em sua casa, fica melhor nas fotos? E entre seus amigos?
- Todas as pessoas têm beleza para você?

Em seguida, entregou-se aos alunos o texto “Tire fotos, muitas fotos!” e solicitou a leitura silenciosa e depois a oral, observando a fluência, o ritmo e o uso da pontuação. Terminada a leitura, fez-se novamente o processo de caracterização do gênero de forma oral, percebendo que essa crônica possuía algumas diferenças da analisada anteriormente. Esta não trazia com clareza o espaço e o tempo, havia uma mistura de humor e filosofia, sua narrativa era mais psicológica (acontecimentos interiores), sua estrutura composicional (situação inicial, conflito, clímax e volta a situação inicial) era diferente da de Fernando Sabino.

Depois do trabalho com a oralidade, os alunos responderam, em grupo, questões escritas referentes à crônica. Foram trabalhados os mesmos itens da crônica de Fernando Sabino.

6. PRODUZINDO CRÔNICAS

Após a leitura e interpretação dos textos, iniciou-se a produção da versão escrita da crônica. Os alunos tiveram que partir de um tema de seu cotidiano para a escrita do texto, de acordo com as condições de produção típicas do gênero. Para a elaboração de texto, houve uma abordagem processual, em que etapas inter-relacionadas como proposição, planejamento, execução, revisão e reescrita foram consideradas.

Primeiramente, foram selecionados, no quadro negro, vários acontecimentos do cotidiano, a título de exemplo: uma situação pitoresca que presenciou na rua, um costume pessoal quebrado por um imprevisto, uma resposta inesperada de um amigo (a), um acidente provocado por descaso de alguém, etc., para uma compreensão melhor do gênero.

Na proposição e planejamento, os alunos foram orientados sobre aspectos determinantes do texto, como seu objetivo, linguagem adequada, o leitor, onde será veiculado, se a exposição dos fatos seria sob a visão subjetiva ou crítica do cronista, etc. Fez-se então o levantamento, a seleção e a organização das idéias, através de um roteiro que possuía o tema a ser abordado, personagens, foco narrativo tempo, espaço, etc.

A execução constituiu a fase, propriamente dita, de produção de texto, ainda que em caráter provisório, pois o trabalho só estaria concluído após a revisão. Traçado o plano, os alunos fizeram a primeira versão da crônica. Depois, foram avaliados quanto à adequação ao gênero textual, à organização da narrativa (se possuía coerência e coesão) e à linguagem (clareza, vocabulário, estilo, desempenho gramatical).

Na revisão, o professor atuou como principal mediador do processo de criação de texto. Coube a ele participar ativa e assiduamente como leitor-revisor da produção do aluno, contribuindo com elogios, críticas, sugestões de aperfeiçoamento, transformando-se em verdadeiro parceiro na elaboração do texto.

A última etapa foi a reescrita, que resultou na versão final. O aluno recebeu o texto revisado-corrigido e procurou atender às solicitações prescritas pelas interferências do professor, via comentários e indicação do problema.

Após a leitura e revisão dos textos produzidos pelos alunos, percebeu-se que parte deles ainda não soube reconhecer a estrutura composicional, principalmente quanto à temática, mostrando dificuldades em partir da observação de um fato do cotidiano. Mesmo trabalhando todos os procedimentos para realização da escrita do gênero, os limites e a complexidade, neste momento, foram visíveis, pois um dos alunos se ateve apenas na descrição e não no registro próprio da crônica, como se mostra a seguir:

As pessoas nem sempre se parecem umas com as outras, cada uma tem sua impressão digital. Quando uma criança nasce não compreende nada. Com dois anos começa a andar e balbuciar algumas palavras. Aos cinco anos começa a estudar na creche.

Outro escreveu mais para o gênero argumentativo, colocando o seu ponto de vista sobre a adolescência, não percebendo qual a finalidade específica, o conteúdo e estrutura que deveria produzir neste momento.

Diante desses problemas, constatou-se a necessidade de trabalhar com mais textos. Alguns alunos ainda não possuíam as capacidades reais de conhecimento do gênero. Assim, lemos mais duas crônicas do livro didático: “Adolescente? Quem, Eu?”, de Lourenço Diaféria, e “Na Escuridão Miserável”, de Fernando Sabino. Foram propostos exercícios orais e escritos para identificar a presença do efêmero, a narração de fatos da vida cotidiana, os personagens envolvidos na história, o tempo de duração, o espaço e a linguagem.

Dentre as atividades propostas, destacamos questões como:

- Os fatos comentados na crônica podem ser entendidos como corriqueiros?
- Qual é a intenção do autor ao escrever este texto?
- A história relatada na crônica lida é apenas ficcional, ou seja, inventada pelo cronista? Justifique sua resposta.

Uma preocupação foi ir além do entendimento aparente do texto, mostrando que a crônica não se limita apenas a narrar fatos, mas busca uma abordagem mais ampla com o objetivo de criar humor, divertir e/ou levar o leitor a refletir criticamente sobre a vida e os comportamentos humanos, geralmente guardando uma surpresa para o final.

Por fim todos produziram e reconheceram as características do gênero textual, demonstrando um grande lirismo, muita sensibilidade e emoção em seus textos.

O espaço predominante das crônicas foram casas da avó, da tia, de uma amiga ou a própria casa. Os temas mais abordados estavam muito próximos da vida cotidiana de cada um: festa de aniversário, lugar onde vivo, viagem, namoro, jogo de futebol, entes queridos, escola, etc. Reconhece-se que os textos produzidos apresentaram um caráter sócio-histórico com liberdade de produção, especialmente por se tratar de crônica, que possui tais características.

Após a correção e a revisão dos textos, os alunos fizeram a escrita da versão final da crônica produzida. Também foram apresentadas aos demais alunos da sala de aula por meio de leitura. Na sequência, foram escolhidas, pelos alunos, as cinco melhores. Dentre estas, os professores da escola selecionaram três para serem publicadas no jornal Diário do Noroeste,

no dia 29/06/2008, periódico existente há 54 anos no município de Paranavaí. As três escolhidas constituem os anexos deste artigo. Quanto às demais crônicas produzidas, foram expostas em murais da escola, para que alunos, professores, funcionários, pais, enfim, toda a comunidade escolar pudesse lê-las.

7. ANALISANDO AS CRÔNICAS PRODUZIDAS E PUBLICADAS

As três crônicas escolhidas e enviadas para a publicação foram “A primeira crônica”, “A minha primeira festa de aniversário” e “Hábitos de minha avó”.

Ao analisá-las, constatou-se que os temas estavam próximos da realidade em que os alunos estão inseridos. Não se tratam de grandes acontecimentos, mas buscam a essência deles, dissecando atitudes e comportamentos aparentemente banais, mas que possuem um valor imenso para seus autores.

Quanto ao foco narrativo, observou-se em todas elas a presença de narrador-personagem, o que possibilitou a produção de crônicas emotivas, carregadas de subjetividade e lirismo.

A estrutura do gênero foi obedecida, apresentando fatos do cotidiano, elementos básicos da narrativa, tempo e espaço limitados, textos curtos, etc. No entanto, foi possível notar pequenos desvios. As três crônicas não apresentaram o elemento-surpresa e pouco se utilizaram de características como o humor e a ironia, tão presentes nas crônicas clássicas.

É importante observar ainda que os textos apresentaram muitos adjetivos em sua composição e que seus autores se utilizaram de uma linguagem informal, simples e direta, próxima do leitor.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho desenvolvido para a prática da leitura, oralidade e escrita com o gênero textual *crônica* atendeu aos objetivos propostos, viabilizando o estabelecimento de relações entre gêneros textuais diversos, levando em conta o contexto sócio-histórico, provocando reflexões sobre a literatura como manifestação cultural e sobre o papel do leitor como agente do processo de leitura, uma vez que houve a participação de todos os alunos nas três práticas.

É importante considerar que o desenvolvimento da leitura e da escrita ocorre num processo verdadeiramente dialógico, em que o papel do professor de português é fundamental na construção das relações adequadas, que consistem em retomar o conteúdo quando

necessário, perceber quando o aluno assimilou o que lhe foi solicitado, ter o discernimento de que ele, o professor, não é o detentor de todo o saber, ser capaz de aprender com os alunos, entre outros, para efetiva interação entre ele e os alunos e os alunos entre si.

Para Bakhtin (1992, p. 113), “a interação ou diálogo entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem: é na relação entre sujeitos que se constroem a significação das palavras, o sentido do texto e os próprios sujeitos”. Esse processo dialógico possibilitou maior companheirismo e solidariedade, pois o professor não foi visto apenas como um transmissor de conhecimentos, mas como um estimulador, observador e mediador, criando uma articulação entre teoria e prática, lado a lado com o aluno.

É necessário que, em qualquer atividade de leitura ou escrita, os alunos devem estar motivados para ela, ter claro o que devem fazer, sentir que são capazes para executá-la e achar interessante aquilo que se propõe que eles façam (SOLÉ, 1998).

Ficou evidente que o conjunto de atividades ligadas entre si, planejadas e discutidas com o intuito de ensinar um gênero textual, permite que os alunos tenham domínio, passando a ler, escrever, escutar e falar ativamente em suas práticas de linguagem.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BELLENGER, L. **Os métodos de leitura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Trad. de Dora Flaksman.
- CEREJA, William Roberto. **Português: Linguagens, 7ª série**. São Paulo: Atual, 2006.
- COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: **A literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1971.
- DIAFÉRIA, Lourenço. **Depoimento – escritor brasileiro/81**. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1981.
- ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de língua portuguesa para educação básica**. Curitiba: SEED, 2006.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Dia-a-Dia Educação. Portal Educacional do Estado do Paraná. Pisa: País melhora em matemática e piora em leitura: mostra OCDE. Disponível em: <<http://matematica.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=51>>. Acesso em: 17 nov. 2008.

ROJO, R; CORDEIRO, GLAIS SALES. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SÁ, Jorge de. **A crônica.** São Paulo: Ática, 1985

SABINO, Fernando. **A companheira de viagem.** 2. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

URBANA, Deusa. Tire fotos, muitas fotos! Disponível em:
<<http://www.recantodasletras.com.br>>. Acesso em: 20 nov. 2007.

ANEXOS

A MINHA PRIMEIRA FESTA DE ANIVERSÁRIO

O dia amanheceu claro, o sol estava lindo e brilhante, o céu tão azul como nunca tinha visto antes. Acordei com disposição para a vida, para o mundo, pois sabia que era meu aniversário e esperava uma simples e modesta festinha, nem que fosse somente com alguns familiares. Percebi que ninguém se lembrou.

Minha mãe olhava para mim como se fosse um dia normal, como todos os outros, meus irmãos e meu pai fizeram o mesmo que ela. Mas, logo de manhã, percebi um bolo de chocolate na geladeira, bem recheado com doces e confeitos por cima. Era uma correria para lá e para cá, eu perguntava para todo mundo lá de casa para quem era aquele bolo, mas todos diziam o mesmo, é para comer no café da manhã, pensando que me enganavam.

O dia foi desse jeito, corre para lá, vem para cá, tentando me enrolar e, para falar a verdade, eu já estava ficando mesmo preocupado, pensando que eles realmente tinham esquecido desse dia tão especial: o dia do meu aniversário. Quanto mais a hora passava, mas eu ficava nervoso porque realmente não se lembravam de mim.

Por volta das dezoito horas, minha mãe me mandou tomar banho, vestir uma roupa nova e ficar limpo e cheiroso. Então obedeci, mas quando saio do banheiro todos começaram a cantar:

- Parabéns pra você nesta data tão querida...

Foi um susto muito grande, mas que felicidade! Ainda ganhei uma camiseta, uma sandália e um short. Comemos e bebemos até altas horas. Quando acabou a festinha estávamos todos alegres e sorridentes.

Foi nessa noite que percebi que a felicidade está bem próxima de nós, porque neste gesto tão singelo de minha família, jamais esquecerei a minha primeira festa de aniversário.

(Aluno: Edinei de Oliveira)

A PRIMEIRA CRÔNICA

Um dia na escola, a professora de português resolveu fazer um passeio por Santa Maria, para nos mostrar o lugar onde vivemos, vermos com outro olhar aquilo que o cotidiano não nos deixa enxergar.

Andamos pela vila rural, observamos os bancos toscos na frente das casas em que as pessoas se sentam ao final da tarde para bater um papinho caloroso.

Observamos que não tem asfalto, com mato em algumas partes, mas é um lugar pacato, bom de se viver. Santa Maria não tem muitas pessoas, mas tem bons moradores, gente humilde, velhos, jovens e crianças conhecidas fazendo parte de uma só família.

Quando tem festa na Igreja vem muitas pessoas, as ruas se enchem de carros do começo ao fim e são muito animadas, onde alguns dançam e outros ficam olhando. A bastante comida e bebida e também o leilão de frangos, bolos e até cabrito assado, com muita alegria e agitação. Os fogos de artifícios riscam o céu tornando os festejos divertidos. Quando acaba todos vão embora com o coração transbordando de satisfação.

Em Santa Maria também há uma escola onde eu estudo a sétima série. Aqui tem bons professores, que nos ensinam a ter cuidado com o meio ambiente, ter respeito, responsabilidade e também bons amigos.

Além da escola, há um posto de saúde onde atendem o dentista e um médico que vem uma vez por semana consultar as pessoas. Há creche onde ficam as crianças quando a mãe e o pai estão trabalhando, um mercado onde todos fazem suas compras e também um curso de pintura.

É um lugar pequeno com poucos habitantes, mas bom de se morar; ele que nos viu nascer, está nos vendo crescer e provavelmente ficarmos homens.

(Aluno: Lucas Borges José dos Santos)

HÁBITOS DE MINHA AVÓ

Era forte como um touro, criava seus gansos, galinhas e cachorros. Cuidava das flores e também de sua casa. Levantava às cinco horas de segunda a sexta-feira para fazer a comida de meu tio que levava para a roça. Quando ele saía ela já começava sua labuta: primeiro pela casa, deixava-a bem limpinha, depois ia molhar suas flores todos os dias de manhã e à tarde. Em seguida ia tratar dos gansos e das galinhas jogando milho e dando água. Por fim limpava o quintal com a maior alegria e ia fazer o almoço.

Mas certa vez, o destino quis lhe pregar uma peça. Foi tirar algumas madeiras do paiol para fazer um doce no fogão a lenha e caiu. Depois desse dia, não conseguiu andar mais. Ela tinha doze filhos que se preocupavam muito com a saúde dela. Levaram-na para fazer alguns exames e em um deles apareceu uma doença chamada trombose.

Seus filhos a amavam muito e ela não melhorava, assim resolveram fazer outros exames. Algum tempo depois os médicos descobriram que tinha alguns tumores, na verdade ela tinha câncer.

Que desespero... Meu avô já havia morrido de câncer e agora, a qualquer hora eu poderia perder minha avó também. Depois dessa notícia começamos a dar o dobro de atenção a ela, mais amor e carinho.

Poucos dias depois, pela mão sinistra do destino, veio a falecer junto de seus nove filhos.

Hoje, resta a saudade e a emoção ao lembrá-la, porque foi e sempre será exemplo de vida para um menino que jamais a esquecerá.

(Aluno: João Pedro Aparecido Vicente)